O DEMOCRATA

(AVEIRO)

ANO 39.º — Sábado, 7 de Agosto de 1943 — N.º 1796

VISADO PELA CENSURA

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

Combater e perseguir o inimigo

Ao redor das inevitáveis dificuldades económicas do presente, e aproveitando-se da fraqueza de alguns, não cessa o inimigo de especular, de envenenar a opinião pública, de a excitar contra o Estado Novo e o seu Govêrno. Bem sabe o inimigo, como nós sabemos, que a culpa das nossas dificuldades económicas não cabe a ninguém, nem ao Govêrno, mas às circunstâncias, às más condições climatéricas, ao estado de guerra que nos isolou do comércio com o Mundo. E sabe o inimigo, como nós sabemos, que, embora a todos os povos neutros chegue a inexorável lei dos perniciosos efeitos económicos da guerra, ainda é Portugal, por várias razões, o mais poupado—o povo que ainda não sabe o que é fome. A que vem, portanto, a desenfreada especulação do inimigo? Não o sabemos tão bem, como êle sabe? Não vemos que o que procura o inimigo é levar-nos a descrer da Revolução Nacional, da verdade e bondade da sua doutrina, dos chefes, do Govêrno? Não vemos que, se o ouvirmos, nos pomos do seu lado, do lado do pior para a nossa Pátria, para a dignidade da nossa paz, para o nosso bem-estar—e que êsse pior, qual o quere o inimigo, é o comunismo, hedionda seita que só é ódio, e sangue, e ruína?

Saibamos, pois, cumprir o nosso dever. Nada têm com a Revolução Nacional, e com a sua doutrina, as dificuldades económicas do presente, as quais, bom é que se diga que, sem a Revolução Nacional, e a sua doutrina, e o nosso Govêrno, há muito que nos teriam feito sossobrar. O nosso dever, desta sorte, é reagir ao inimigo, e não lhe dar ouvidos, mas combatê-lo e persegui-lo, com energia —e assim colaborar com o Govêrno do Estado Novo, a bem da nossa Ordem, que é verdadeiro bem da nação.

P. S.

Numa romaria

—o—

Lemos que a festa de S. Tomé, que se realiza em Ferreira-a-Nova meteu, êste ano, mais gente que o costume. Mais gente, mais alimárias e mais vinho. Só romeiros, a pé, 2.500 deram volta à igreja; cavaleiros *pròpriamente ditos* e os que montavam burros e burras, mulas e machos, êsses andaram à roda, se é que não ultrapassaram o número de 1.500!

De vinho bebido, então não se fala: consumiram-se, diz o correspondente dum diário, mais de dez mil litros entre tinto e branco! Como conseqüência, surgiram questões, armaram-se zaragatas e houve cabeças partidas, mas tudo sem gravidade.

Felizmente. Porque isso só depõe a favor do S. Tomé como medianeiro da paz entre os seus devotos.

O TEMPO

Corre variável, doentio. Calor e frio. Isto, em Agosto, parece não estar certo. Temos, porém, de nos conformar... de aguentar.

O EXÉRCITO E A REVOLUÇÃO

28 de Maio de 1926—O Exército arranca de Braga para fazer a Revolução Nacional.

9 de Julho de 1926—O Exército entrega nas mãos do General Carmona a continuïdade da Revolução.

5 de Julho de 1932—O General Carmona chama Salazar, a quem se deve a ética do Estado Novo, para chefiar o Govêrno e realizar a Revolução Nacional.

11 de Maio de 1936—Salazar, ao tomar posse da pasta da Guerra, afirma: «Temos de ter, em prazo relativamente curto, o Exército que nos é necessário para a defêsa dos grandes interêsses da Nação».

16 de Outubro de 1937—Salazar, falando aos oficiais do Exército nas manobras do Alentejo, declara—traduzindo a sua confiança: «Teremos um Exército».

1 de Agosto de 1943—O país, assistindo ao impressionante desfile da guarnição militar de Lisboa, pode reconhecer, com orgulho, que *temos um Exército*. O exército, pela bôca do seu Major General, afirma à Nação, consubstanciado no Chefe do Estado, a quem acaba de entregar uma espada de honra: **«Se alguma vez a nossa querida Pátria estiver em perigo, cinja-a, erga-a bem alto, e todos nós, militares, e toda a Nação, nos congregaremos à sua volta para defender a liberdade e a independência.»**

Fora da linha...

O sr. Cardeal Patriarca, num documento tornado público, declara não reconhecer o sr. dr. Alfredo Pimenta como escritor católico e denuncia-o como escritor perigoso para os fieis. Pelo menos é isso que se infere do referido documento, tudo levando a crer que é homem lançado às feras...

E agora? Para onde se inclinará o ex-avançado no pensamento e nas ideias?...

Intendência Geral dos Abastecimentos

É um novo organismo que, por decreto governamental, foi criado para funcionar enquanto durarem as circunstâncias derivadas do estado da guerra.

Oxalá dêle provenham resultados tendentes a livrar-nos da *larica*.

Um concurso proveitoso

«Vestidos de Chita»

O popular *Jornal de Notícias*, do Porto, vai repetir, êste ano, a iniciativa que poz em prática o ano passado e que se destina a escolher e a premiar a costureira do norte que apresentar na Invicta, em determinado dia, o vestido de chita mais bonito da sua confecção!

Não é, portanto, só o Porto a concorrer aos valiosos prémios—valiosos e úteis—que se destinam a galardoar a arte, o gôsto e a habilidade das costureiras, visto as de Braga, Viana, Guimarães, Aveiro, Coimbra, Bragança, Lamego, Vizeu, Guarda, Covilhã, etc., serem incluídas, por convite, no certamen que tanto deve influir para pôr à prova a beleza dessas raparigas.

Muito bem! Cá estamos para indicar às costureirinhas de Aveiro o caminho a seguir. Vão, também, ao concurso do *Vestido de Chita*. Vão, que hão-de fazer figura. Impõe-no a sua galanteria, o nome da terra, que tantos têm honrado, e mais: a técnica proveniente dos conhecimentos adquiridos no labor do dia a dia. Vão, tôdas. Formem uma embaixada de Aveiro e podem ter a certeza do triunfo que as espera.

O Democrata acompanhará o cortejo garrido da vossa mocidade, raparigas!

Nem que seja para o fim do Mundo...

Crónica alfacinha

CASAMENTOS SÉCULO XX

Há muito tempo que eu não via Fernando e preguntava a mim mesma por onde andaria o homem chic de Lisboa. Sabia que se tinha casado e vira a mulher nas casas de chás ou de modas, mas não me dava com ela para lhe preguntar pelo marido.

Quando, no sábado, o vi entrar no Casino fiquei admiradíssima; tanto mais, que parecia ocetro, magro, taciturno, envelhecido. Logo que me viu dirigiu-se a cumprimentar-me.

—Então por onde tens andado? —indaguei.

Êle sorriu tristemente e, pegando-me na mão, levou-me para uma janela distante onde me contou a sua história.

Naquela noite, o Casino parecera-lhe outro. As côres das luzes melhor combinadas, as flores mais frêscas, mais perturbantes os perfumes, as mulheres mais lindas e, entre tôdas, distinguiu uma morenita, cabecinha de boneca em corpo de Deusa com quem dansou tôda a noite.

Fernando, o desejado e temido, que era conhecido como um perigoso D. Juan, embriagou-se com o hálito de Lila e casou. Até ali tinha havido o romantismo da paixão; mas, quando apareceu a realidade, o cenário mudou.

Fernando passou a viver para o lar, para os seus jornais, para a mulher. Porém, ela nunca se convenceu de que contraira deveres e continuava a vida de solteira.

Em vão o pobre marido tentou afastá-la carinhosamente das loucas orgias, das amigas que só a prejudicavam. Fez-lhe ver que queria uma companheira, vivendo ao lado dêle, confortando-o moralmente nas horas de desânimo. Levá-la-ia onde êle fôsse. Compreendia bem a necessidade de distrair o espírito, mas não era nos clubes estúpidos nem nos *dancings* que ela o conseguiria.

Lila respondia-lhe altivamente que nada a afastaria do meio em que crescera. Era rica, podia gastar, não se conformava em ter de obedecer a um marido. De resto aquêle casamento tinha sido um capricho para ela, nada mais.

Fernando lutou ainda muito tempo e por fim recorreu ao divórcio.

Adoeceu moral e fisicamente porque a amava.

E para terminar, diz-me:

—O médico aconselhou-me distracção; já não é num Casino que a posso conseguir. Isto é um centro de hipócrisia onde tudo, até os sentimentos das mulheres, é falso. Vou viajar, procurar em meios sádios, em aldeias pobres, a tranqüilidade e a sinceridade. Tenho a certeza de que fora dêste meio de luxo e mentira encontrarei a mulher ideal.

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Memorando Teatral Aveirense

3 de Agosto de 1907 — Sarau dramático, pelo «Club dos Galitos»—*Espertezas de Rato*, comédia em 1 acto. Monólogos e cançonetas. *A Marcha da Cadiz*, zarzuela em 1 acto e 3 quadros. Tomaram parte nêste espectáculo os amadores: Manuel Moreira, Abel Costa, António Máximo, Aurélio Costa, Manuel G. Moreira, José de Pinho, Américo Silva, António Encarnação, António Cruz, João da Naia, José Maria Monteiro, Armando Costa, Acácio Laranjeira, António R. Jerónimo, Arménio Carvalho, Firmino Picado, Licínio Silva, José Marques Soares e Tibério Lopes. Augusta Freire, Glória Teixeira, Rosa Santos, Crisanta de Oliveira, Celeste e Natália Picado, Natalina e Maria de Melo e Costa, Crisanta e Maria Salgado, Judit e Maria Freire, Aida Soares, Besideia Barbosa, Ismália da Graça, Maria da Cruz.

Ensaiadores: António A. Duarte Silva e António Lé.

GOZANDO A RIA

O Curso de Férias da Universidade de Coimbra em Aveiro

Por ser uma honra para a nossa terra, transcrevemos do *Diário de Coimbra* a seguinte crónica da sua colaboradora Ercília Pinto no número de quarta-feira:

Apenas para a contemplação da paisagem *sui generis* de Aveiro, única em Portugal e rara na Europa, tendo apenas por semelhantes, talvez, as paisagens dos Países Baixos e venesianas, deslocou-se no último domingo à cidade do Vouga o Curso de Férias da Universidade de Coimbra. Constituído por alunos estrangeiros, especialmente ingleses, franceses e alemães, êste curso veio encantado com tão singular panorama da beira-mar.

E temos que confessar que esta excursão fôra organizada com todos os requisitos necessários para a boa apreciação geográfica e poética... dêste mar de encantos que é a Ria de Aveiro.

A dirigir êste passeio iam, apenas, o Prof. Amorim Girão e o Prof. Fernand de Almeida, sub-Director do Curso de Férias do presente ano lectivo.

Faltaram os professores drs. Vergílio Correia e Torquato Soares, que faziam as lições de Arqueologia e História das regiões visitadas nos anos anteriores.

E se êstes ilustres professores fizeram falta em Aveiro!

Se há cidades de Portugal interessantes sob o ponto de vista arqueológico e histórico, Aveiro é uma delas.

Por isso fizeram falta em Aveiro, bastante falta, os professores destas especialidades... Não foram visitados os valorosos monumentos de Aveiro pelos doutores estrangeiros, desta cidade litoral antiqüíssima, fundada, salvo êrro, no tempo de Marco Aurélio com o nome de Aviarium, termo latino que significa lugar com muitas lagoas onde se criam aves palmípedes.

Mas porque a lancha que o Ministério da Marinha amàvelmente puzera à disposição do Curso de Férias se baloiçava alguns momentos nas ondas agitadas da entrada da barra de Aveiro, em frente do farol, nós, ocasionalmente, não deixámos de recordar a um doutor inglês, que estava a nosso lado, que por aquela mesma barra perigosa tinha entrado, em 1809, um combóio inglês do qual dependera, em grande parte, a derrota de Soult, quando das invasões francesas. E o doutor inglês, agradecendo-nos a informação, tanto mais que ela fôra revelada pela primeira vez e ainda há bem pouco tempo por Belisário Pimenta no *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Êste, quando procurava documentos relativos à Guerra Peninsular no Arquivo Histórico Militar encontrara, dentro de uma pasta, esta novidade histórica.

Portanto, porque se tratava da nossa região, nós informámos os estrangeiros de alguns factos históricos regionais, que êles muito apreciaram.

E uma das mais gentis doutoras alemãs que, como bolseiras do Instituto para a Alta Cultura, têm passado pelos cursos de férias de Coimbra, também bastante interessada colhera notas da inconfundível região de Aveiro, que tanto a deliciara.

E estamos convencidos de que amanhã, quando partir para o seu país, levará bem gravada na retina dos seus olhos verdes, sonhadores e poéticos... o quadro de tanta beleza que é a Ria de Aveiro, quando navegava assim em tôdas as direcções numa lancha da Marinha Portuguesa tripulada por pilotos descendentes ainda dessa nobre raça de marinheiros portugueses que abriram novos mundos ao mundo, *por mares nunca dantes navegados*...

E porque esta jóvem alemã tem uma alma de poetisa, deveras sentimental, que nós tivemos ocasião de apreciar pela maneira como os seus olhos observam e a sua alma sente a Beleza, talvez por isso, ela nos revelasse que gostava muito dos *fados de Coimbra*, caso raro numa alemã que, geralmente, não gosta de fados...

Com inteligência e absoluta sinceridade, disse-nos ela:

—Gosto dos *fados de Coimbra*, mas não gosto dos *fados de Lisboa*...

E nós que compreendemos o pensamento da jóvem alemã, argumentámos-lhe:

—Naturalmente por os *fados de Coimbra* lhe parecerem mais *saudáveis* que os de Lisboa.

O que ela logo confirmou. E logo acrescentámos, não sabemos se *com espírito ou sem êle*.

—E' que os *fados de Lisboa* saem da Baixa... do Retiro da Severa... Enquanto os de Coimbra saem da Alta... da colina sagrada de *ares puros* onde assenta, como diadema de princesa, a sempre nobre Universidade de Coimbra.

E depois, enquanto a lancha ia singrando, serena, sôbre as águas da Ria de Aveiro, nós fomos cantando a esta simpática alemã alguns fados de Coimbra, que ela se esforçou por reter no ouvido muito bem educado na música.

Esta digressão pela Ria de Aveiro, talvez mais de poesia... que de geografia... correu bem, com muito agrado dos estrangeiros.

Carreiras de gazolinas

Dizem-nos que não é verdade ter ficado sem efeito a ideia das projectadas carreiras de gazolinas entre a cidade, Gafanha, Barra e S. Jacinto, para as quais já se acham quási prontos os dois primeiros barcos, trabalhando a emprêsa afincadamente no sentido de as inaugurar dentro do mais curto prazo de tempo.

A notícia é-nos sobremaneira agradável por trazer para a nossa terra aquilo de que há muito a ria carece —meios de transporte, cómodos, rápidos e baratos.

Oxalá a realidade não se faça esperar pela manifesta vantagem que isso trará ao público e ao turismo.

Para as praias

Começou o êxodo, achando-se a Costa Nova bastante animada por a quantidade de gente que ali se encontra a veranear para tal concorrer.

Antes isso. O mar dá saúde, desta nasce a alegria e a vida sem satisfação deve ser um fardo dos mais pesados...

Bem sabemos que os gostos variam... Quando mais não seja, por causa do amarelo...

Férias judiciais

Principiaram no dia 1 dêste mês, terminando em 30 de Setembro. Há, pois, um interregno, um compasso de espera, na acção em que tenha de intervir a Justiça.

Que também precisa de descanso.

Entreguemo-nos à terra

Os acontecimentos internacionais prejudicaram ao máximo a capacidade económica dos países neutros, motivando, por isso, medidas de emergência, tendentes a equilibrar, tanto quanto possível, o nível de vida das populações.

Portugal foi, até há pouco, o menos atingido de tôdas as nações que se conservaram à margem da guerra, mercê da política de estrita neutralidade mantida pelo Govêrno.

Mas um conjunto de imprevistos—como foram as rarefacções nos mercados externos, as deficiências de transportes e de combustíveis, as oscilações climatéricas, queimando as searas, e o flagelo do *escaravelho* e do *mal murcho*, que inutilisou a colheita da batata — veio neutralizar a acção dêstes produtos da terra, com os quais o Govêrno contava fazer face ao agravamento do custo da vida.

Mas se o momento é grave, a situação não é insoluvel. É bastante, para tal, que o lavrador se debruce, de novo, sôbre a terra — cavando, lavrando, adubando, semeando o torrão ubérrimo da gleba.

Colaborem todos os portugueses, dentro das suas possibilidades, nêste esfôrço único—sintetizado na máxima—*Produzir e poupar*.

E se é impossível fazer renascer as searas, porque o tempo próprio já vai longe, outro tanto não sucede com a cultura da batata, semeando-a nas terras de regadio, nas hortas e nos quintais, para que o país se salve da crise no inverno, o inverno que se avisinha a passos de gigante na mutação velox das estações.

Duma coisa pode o produtor estar seguro: da colaboração incondicional do Govêrno, administrada assim:

a) reserva do necessário para consumo da família e da casa agrícola;

b) garantia de compra da parte sobrante da colheita a preço compensador;

c) fornecimento de adubos, designadamente sulfato de amónio, de sulfato de cobre para os tratamentos, e de combustível para a elevação das águas.

O Govêrno, oferecendo ao legionário da gleba todos os recursos proveitosos para uma boa sementeira de batata estival, cumpriu o seu dever. Cabe, agora, ao lavrador corresponder, com o esfôrço do seu braço, ao esfôrço do Govêrno.

Secção feminina

DIRIGIDA POR **MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE**

Abertura

Com a criação desta nova secção pretendo, apenas, ser útil às gentis leitoras, a quem, regra geral, não interessando os longos artigos políticos ou doutrinários, sempre desperta curiosidade a literatura, a poesia, o amor e também, senão mais que tudo isto, a crónica ligeira sôbre modas, bordados, estética feminina, culinária, arranjo do lar, etc. Aqui encontrarão as senhoras um pouco de tudo isto, doseado com alguns conhecimentos de medicina caseira, enfermagem, puericultura, etc.

De bom grado aceitarei tôdas as sugestões que me forem feitas no sentido de melhorar cada vez mais a secção na qual responderei às perguntas que me forem dirigidas.

* * *

A beleza

Ser bela é a suprema ambição da mulher, e com razão.

Se ela é a flôr por excelência, deve encerrar em si tudo o que encante. Através de todos os tempos triunfou a mulher bonita. Ela foi cantada por imortais poetas, pintada por artistas célebres. Por ela se fizeram guerras, se cometeram loucuras, se suicidaram homens.

Não se apaixonou Páris pela beleza invulgar de Helena, a ponto de travar com Menelau a guerra de Troia? Cleópatra, rainha do Egito, ficará gravada eternamente nas páginas da história. Dante fêz as suas melhores poesias inspirado em Beatriz e Beetowen dedicou as suas músicas à encantadora Julieta.

Julgam muitas senhoras que a beleza e os cuidados que devemos ter para desenvolve-la é um pecado de vaidade. Grandes santas, formam formosas. Se a beleza é, neste caso, uma dádiva do Senhor, é justo que a aperfeiçoemos em homenagem a Êle.

Não devemos, é certo, envaidecer-mo-nos por possuirmos alguns dotes físicos; mas devemos desenvolve-los e procurar conservá-los para nosso benefício.

Porque querem tôdas as mulheres afastar, com mão de ferro, a velhice?

Elas sabem que a mocidade, a frescura é a arma pela qual triunfarão na vida.

Qual o patrão que não prefere uma empregada nova e atraente? Qual o homem que não procura, assim, uma companheira?

Bonita não é sinónimo de belo. Há mulheres que encantam sem, contudo, serem belas. O encanto é êste conjunto de graças que atraiem e que a mulher precisa conhecer e estudar.

* * *

Receita n.º 1 — O seu marido ou seu pai não a deixam pintar? Fazem êles muito bem. Os produtos químicos estragam a pele, cansam as células e apressam a velhice. É difícil encontrar um produto realmente bom.

Nesta época em que a natureza põe ao nosso alcance tantos produtos naturais, cem vezes superiores aos fabricados, não os regeitemos.

Á noite, quando se deitar, lave a cara com água morna e sabonete. Limpe-a e em seguida aplique-lhe um pedaço de tomate de forma a ficar bem húmida, uns bagos de uvas, ou ainda ameixas. Os poros apertarão e as células alimentar-se-ão dando à pele uma côr admirável. Se não tiver à mão qualquer dêstes frutos pode pôr um pouco de leite crú.

Receita n.º 2 — As mãos que durante o dia trabalharam em serviços domésticos, necessitam grandes cuidados.

Unte-as com um pouco de óleo de amendoas doces e verá que branquearão e tornar-se-ão macias.

———

Toda a correspondência, para ser respondida pelo jornal, pode ser enviada para: Maria da Conceição Nobre—Rua B, n.º 33-2.º—Lisboa.

O ALBERGUE é uma instituïção de elevado alcance social. Necessita de ser auxiliado pelos que podem repartir mais um pouco do seu confôrto por aquêles que não têm nenhum. Se pode e o deseja fazer, diga ao cobrador para quanto quer elevar a sua cota, e tanto basta.

Além túmulo

Dr. Armando da Cunha

Vai fazer, ámanhã, cinco anos, que deixou o mundo êste abalisado clínico da nossa terra onde possuia as maiores simpatias.

A-pesar-do tempo já decorrido, o seu nome é ainda lembrado com saudade e sentimento.

O Democrata recorda-o pelos serviços que tanto o dignificaram.

A caça

Terminou, no domingo, o defêso para algumas espécies, que começaram a ser assediadas pelos devotos de Santo Huberto. Estão nêste caso as rôlas, as codornizes, os patos e os pombos bravos. Todos têm azas. Por isso estão em condições de se defenderem, procurando, nas alturas, escaparem ao chumbo dos seus perseguidores.

Êle sempre há cada entretenimento!...

EXAMES

Na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra concluiu o 3.º ano de Filologia Germânica, obtendo honrosas classificações, o aplicado estudante Amílcar de Lima Gouveia, que conta vir aqui passar alguns dias.

Felicitando-o, bem como a seu pai, o nosso conterrâneo e amigo Manuel Gouveia, muito estimamos vê-lo licenciado dentro em breve.

PELO TEATRO

—o—

Realiza-se hoje, como fôra anunciado, o sarau promovido pelo Orfeão dos Trabalhadores de Coimbra, sob a competente direcção do sr. dr. Raposo Marques e a que fizemos referência no último número.

Deve agradar.

* * *

Está definitivamente assente a vinda a esta cidade da Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, que no próximo dia 14 dará no Teatro Aveirense, um único espectáculo.

Por motivos alheios á sua vontade não poderá representar a peça *Israel*, que será substituida por outra de grande sucesso—*Instinto*.

Banco de Portugal

—o—

Já se encontram a exercer as suas funções os dois novos agentes, srs. Heitor da Silva Campos e João José Candeias, que vieram transferidos, respectivamente, de Viana do Castelo e Vila Real.

O sr. Fernando Augusto José Fernandes, que foi colocado em Extremoz, partiu na terça-feira para aquela cidade, depois de receber os cumprimentos de despedida de todo o pessoal da Agência que, com saudade, o viu deixar Aveiro, esta terra que recebe e acarinha condignamente aquelas pessoas que se conduzem de forma a merecer essa distinção.

Desejamos-lhe as maiores felicidades.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 1, o sr. dr. Francisco de Assis Maia, professor do Liceu de José Estêvão; hoje fa-los a sr.ª D. Rosa de Pinho Gilvaz Magalhães, ausente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil) e o sr. Benjamim Ferreira Fidalgo, comerciante local; ámanhã, a sr.ª D. Felismina Rocha Nunes, esposa do comerciante sr. José Augusto Ferreira Nunes; no dia 9, a sr.ª D. Maria Emília Ferreira da Silva, esposa do sr. Américo Carvalho da Silva; em 11, a professora sr.ª D. Ana Rosa Branco Lopes, esposa do nosso amigo Francisco Pereira Lopes, e em 13, os srs. António Tavares de Sousa e Julio Cristo, escrivão de Direito na comarca.

Casamentos

Na Catedral de S. Domingos efectuou-se, no último sábado, o enlace da sr.ª D. Maria Manuela Soares Castilho, gentil filha da sr.ª D. Maria Amélia Soares Castilho e de seu marido o sr. Arsênio Marques de Castilho, funcionário da Inspecção do Banco N. Ultramarino, com o sr. dr. Armando de Almeida Cunha, alferes miliciano de Infantaria 10.

Assistiram diversos convidados, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Glória Ferreira Sucena e marido o sr. Alvaro Sucena, guarda-livros da filial desta cidade do Banco N. Ultramarino, e pelo noivo, seus pais, a sr.ª D. Filomena Paiva de Almeida Cunha e o sr. José Dâmaso da Cunha, comerciante na capital.

Depois da cerimónia foi servido, em casa dos pais da noiva, um opíparo almoço, tendo, na altura dos brindes, usado da palavra alguns convivas, que inalteceram os predicados dos conjuges. Êstes partiram, de tarde, em viagem de núpcias para o norte.

A corbeille era constituida por numerosas prendas, sobressaindo algumas de valor.

—Na mesma Igreja teve lugar, também, naquele dia, o consórcio da interessante Maria de Melo Mendonça, sobrinha da modista D. Maria Augusta de Melo, com quem vivia, com o sr. Francisco de Oliveira Ferreira Júnior, de Arcozelo (V.ª N.ª de Gaia).

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, sua irmã e avô, respectivamente, a tricaninha Maria da Conceição Mendonça e o sr. Leovegildo Matias de Melo, e pelo noivo, seus pais, o arquitecto sr. Francisco de Oliveira Ferreira e esposa a sr.ª D. Leonor Berta Pereira Ferreira.

A assistência era constituida por pessoas da maior intimidade dos nubentes, ás quais foi servido um fino copo de água, que decorreu num ambiente da maior satisfação.

Aos novos lares desejamos muitas venturas.

Praias e termas

A fazer uso das águas seguiu para Vidago o nosso amigo José dos Santos Jorge, guarda-livros no Porto.

—Daquela estância termal regressou, com sua esposa, a esta cidade, o capitalista sr. Alfredo Esteves, director do Banco Regional.

—Partiram com suas famílias: para a Costa Nova, as sr.as D. Maria Trancoso Magalhães e D. Regina da Luz Faria e o sr. José Augusto Martins Taveira; para a praia do Farol, a sr.ª D. Maria Isabel Farto Ramos, professora oficial, e para Espinho, o sr. Anselmo Lopes, que há pouco chegara da Curia.

—Com sua gentil filha, a sr.ª D. Maria Emília Vieira de Carvalho, encontra-se nas Termas de S. Pedro do Sul a sr.ª D. Tereza Vieira da Costa, que ali se demorará alguns dias.

—Regressou esta semana da Barra, o sr. Francisco Lourenço da Costa, tenente da G. N. Republicana.

Partidas e Chegadas

A passar algum tempo encontra-se em Aveiro o estimado e nosso conterraneo sr. Luis Peixinho, residente na capital.

—Também aqui esteve com pouca demora, sr. Antero Alves da Cunha, novo sargento-ajudante de Infantaria que em breve deixa o continente.

—Tendo sido colocado em Viseu como guarda-livros da Filial do Banco N. Ultramarino, fixou residência naquela cidade o sr. José de Morais Sarmento, que durante alguns anos viveu em Ovar.

—Foi a Lisboa, tendo já regressado com sua esposa e filho, o nosso amigo Carlos Aleluia.

Doentes

A-fim-de se sujeitar a um tratamento, deu entrada num quarto particular do Hospital da Universidade de Coimbra a esposa do sr. João Ramos, da Foto-Moderna.

Desejamos-lhe completo restabelecimento.

Considerandos oportunos

por Jorge Vernex

«...uma luta violenta está desenhada ou mais concretamente travada já entre as fôrças da ordem e as da desordem, entre a nação e o internacionalismo, entre o comunismo e a civilização».

SALAZAR—15-4-1937

Repercussão externa

João Ameal, vindo da Hungria, contava-nos há pouco, em artigo de fundo do «Diário da Manhã», a enorme repercussão externa que os processos de govêrno de Salazar obtiveram, como lhe foi dado verificar em Estados não-beligerantes, ocupados e em guerra. Todos nos fazem justiça, todos olham para o ocidente, para a *cabeça da Europa tôda...*

E' isto uma lição dupla: *a)* para os anacoretas que seguem a chocalhar de *hemisférios* suspeitos; *b)* para os que desdenham o Estado Novo, olhando para a estepe. Uns e outros são a mesma chusma alvar e acéfala com duas manifestações extremas, e por isso unidas, de franca idiotia... comunista.

Igrejas queimadas

Contou o general eslovaco, Malar, na *Vox Gentium*, que «certos ideólogos, que morrem de amores pelo Leste eslavo, dominado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, deviam fazer o mesmo exame que fizeram os soldados sob as suas ordens. «Seria uma cura salutar». E descreve: «...o povo eslovaco participa na luta de Leste sem qualquer aspiração territorial ou de poder político. Apenas o inspiram motivos ideológicos, que não são directamente acessíveis a todos». «Os soldados que combatem na Frente Leste puderam verificar a maneira de viver na URSS, a forma como os habitantes das regiões libertadas andam vestidos e a natureza da sua alimentação. Viram também as igrejas queimadas, demolidas ou transformadas em depósitos; ouviram as descrições dos habitantes sôbre perseguições e execuções ordenadas pelos bolchevistas; tomaram conhecimento da desoladora uniformização de tôda a existência no Paraíso Soviético e tiveram ensejo de observar o cansaço, o tédio, o horror de todo um povo dominado e explorado por senhores implacáveis». A-pesar-de as tropas vermelhas lutarem «com selvático fanatismo» e de terem «grande habilidade na camuflagem e avançarem, de rojo, como gatos, até às nossas posições», — diz o general — «as populações das localidades conquistadas acolheram-nos sempre com alegria; enfeitavam as casas e cobriam-nos de aclamações»; «eramos para elas autênticos salvadores». A Eslováquia é, como nós, um pequeno país e, como nós, um país católico. Por isso, não transige com Moscovo e contra o comunismo se bate desde a primeira hora. O exemplo dos pequenos é uma lição para todos!

Agricultura científica

Concluindo o que ficou dito no n.º 1789 do *Democrata*, direi que o enriquecimento do solo cálcio se consegue também com o auxílio dos «fertilizantes artificiais» de origem mineral. O agronomista teutónico, Dr. Walter Voigtländer Tetzuer prossegue: «A melhor prova de que o emprêgo adicional dos adubos minerais—que fornecem à terra mais humus, mais cálcio e mais elementos nutritivos para as plantas—de forma alguma empobrece os nossos solos na sua *antiga fôrça*, mas sim, pelo contrário, lhe dão maior produtividade, é o facto de, sendo por sua natureza pobre o solo alemão, permitir hoje culturas que antigamente eram nêle desconhecidas ou até impossíveis. Assim por exemplo, antigos terrenos de centeio tudescos foram tornados aptos para a cultura do trigo e solos que eram pouco férteis tornaram-se progressivamente mais férteis e, por último, de boa produtividade, bem como terrenos incultos, pântanos e charnecas puderam ser transformados em terra arável e consideràvelmente alargadas as áreas cultivadas», dando hoje «rendimentos unitários, que nos melhores terrenos dos restantes países só com grande esfôrço podem ser alcançados». O referido autor, resumindo, termina afirmando que, pelo visto, as adubações modernas atendem simultânea e igualmente aos diversos elementos nutritivos. Dado o actual suficiente abastecimento em cálcio, também deixa de ser possível o empobrecimento do solo em cálcio. Graças ao largo emprêgo de adubos de comércio conseguiu-se, pela forma atrás descrita, aumentar a *antiga energia* do solo. As elevadas colheitas teutónicas de hoje não são de forma alguma transitórias e condenadas a decair mais tarde, mas sim poderão ser obtidas com a maior certeza todos os anos».

Independência e orçamento

Para nós, portugueses, é um lugar comum dizer-se que a nossa independência actual, seb qualquer aspecto, é uma resultante do equilíbrio orçamental. Assim tem de suceder com todos os pequenos países entre os quais a Finlândia é o caso do dia. O gabinete Linkomiers assim o deu a entender com uma série ousada de projectos de lei que «aparentemente contraditórios, deverm, na realidade, ser considerados como um programa completo e uniforme. O contraste aparente dessas medidas está no facto de o Estado, por um lado, procurar obter novos meios, por impostos e empréstimos, enquanto que, ao mesmo tempo, procede a subvenções no campo da produção agrícola. A uniformidade interna reside na tendência estabilizadora das propostas governamentais, tanto no campo das finanças públicas como no da Economia Alimentar e na política de preços e salários». A política financeira de 1939/40 revelou-se insuficiente; em 1941 ja ela foi adaptada às necessidades da situação, instituindo-se «impostos sôbre transacções, direitos alfandegários mais elevados, impostos sôbre o álcool e sôbre o tabaco» e recorrendo ao empréstimo. «Simultâneamente foi necessário proceder a uma obtenção de crédito no banco oficial finlandês». Daí resultavam perigos evidentes para a moeda e para a Economia; mas «para os evitar, foi empreendida, no último ano, uma tentativa enérgica para estabilizar a situação financeira e económica e para sujeitar a política de preços e de salários a uma direcção rigorosa». Como resultado, «o índice do custo de vida desde Setembro do ano passado subiu muito pouco e, dum modo geral, sobreveio um alívio psicológico considerável». Ainda não foi obtido o equilíbrio completo, mas «éste problema deve ser agora resolvido pelo novo programa financeiro». E, assim, os pequenos países vão dando lições aos grandes e ricos Estados.

"Cinza viva,,

Contos e impressões sub-intitulou Manuel de Melo êste seu novo livro. Reprodução da realidade por uma inteligência que é também coração e roteiro de verdades, às vezes bem candentes, é que êle é. O autor sabe ver e sabe escrever o que vê. Julgo que se trata dum professor que rouba aos seus lazeres tempo para outro magistério: o da pena. Só tenho a felicitá-lo por isso. Pertence a duas classes onde o trabalho é inglório, tanto como professor como na qualidade de escritor. Algumas observações ficam para outra vez. Mesmo tenho mais que elogiá-lo do que de criticá-lo. Edição da Educação Nacional. Boa leitura.

Ideia em marcha...

E esta? Devido à falta de transportes, do que se havia de lembrar um sujeito de Armamar para dar os seus passeios longos? Podia ter uma bicicleta, meio de transporte fácil e rápido, ou pensar em adquiri-la. Mas não. Preferiu uma vaca. Foi ao alpendre, tirou-a da manjedoura, colocou-lhe uma albarda e os alforges, *cavalgou-a*, e êle aí vai direito à Folgosa em cuja localidade entrou orgulhoso—qual Sancho Pança, mas sem jerico—e seguiu, ante o pasmo de muitas pessoas que se desviavam, umas com receio do homem, por o julgarem maluco, outras com mêdo do animal por presumirem ser o Diabo feito vaca...

Claro que um meio de transporte dêstes só o pode usar quem não tenha pressa e seja dotado duma paciência especial...

Carta de Lisboa

Temos de ter um Exército

A afirmação feita por Salazar, há sete anos, ao tomar posse da pasta da Guerra, pode dizer-se ter tido já plena e completa realização.

Como complemento duma homenagem prestada pelo Exército ao sr. Presidente da República, a quem a patriótica corporação ofereceu uma preciosa espada de honra, Lisboa assistiu ao desfile de uma parte do material moderno recentemente adquirido pelo Govêrno para o nosso Exército. E à população da nossa primeira cidade pôde vêr, sob o maior espanto e entusiásmo, o que é e vale o Exército com que Salazar quiz e pôde dotar a nação.

Razão tinha o ministro da Guerra, quando, ao anunciar a sua decisão firme de dar a Portugal um Exército, quiz afirmar:

«Temos de ter, em praso relativamente curto, o Exército que nos é necessário para a defesa dos grandes interêsses da nação».

Foi há sete anos que fôram proferidas estas palavras. Hoje todo o país pode orgulhar-se de, no cumprimento da promessa do Chefe da Revolução Nacional, ter encontrado mais uma razão de profundo e patriótico orgulho.

Portugal tem, de facto, o Exército de que necessita, o Exército que lhe prometeu e deu Salazar.

Acção oportuna

As recentes paralizações de trabalho verificadas nalguns centros fabris de Lisboa e da margem sul do Tejo, encontraram da parte do Govêrno aquela decisão pronta e enérgica que o caso requeria. Ante a arremetida dos que não perdem ocasião de, servindo interêsses estranhos e desordeiros, trazer para o seio do país a confusão e os tumultos.

Felizmente ante as arremetidas dos desordeiros, o Govêrno soube ter uma acção oportuna e eficaz.

CORDEIRO GOMES

Sejamos gratos

Houve um romano antigo que, ao retirar-se da sua Pátria, proferiu estas palavras candentes:

—Ingrata Pátria: não possuirás meus ossos!

Esta forma de ingratidão colectiva é das que mais doem aos que amam e servem o seu país ou a sua terra e a que mais deve envergonhar e humilhar um povo, ao qual, com pouca despesa, é sempre tão fácil galardoar os filhos que lhe deram quanto tinham de melhor. E' que o galardão constitue um motivo de glória e um estímulo precioso e contagioso para as novas gerações.

FROTA DE PAZ

Foram lançados à água, nos estaleiros da Afurada (Pôrto), três novos arrastões: *Ilha das Flores*, *Ilha do Corvo* e *Ilha do Pico*, que vêm enriquecer a frota de pesca do alto e prestar serviço ao lado dos seus congéneres *Ilha do Faial* e *Ilha Graciosa*—já construídos no decorrer da guerra, em Lisboa, e navegando com o melhor rendimento até aos pesqueiros.

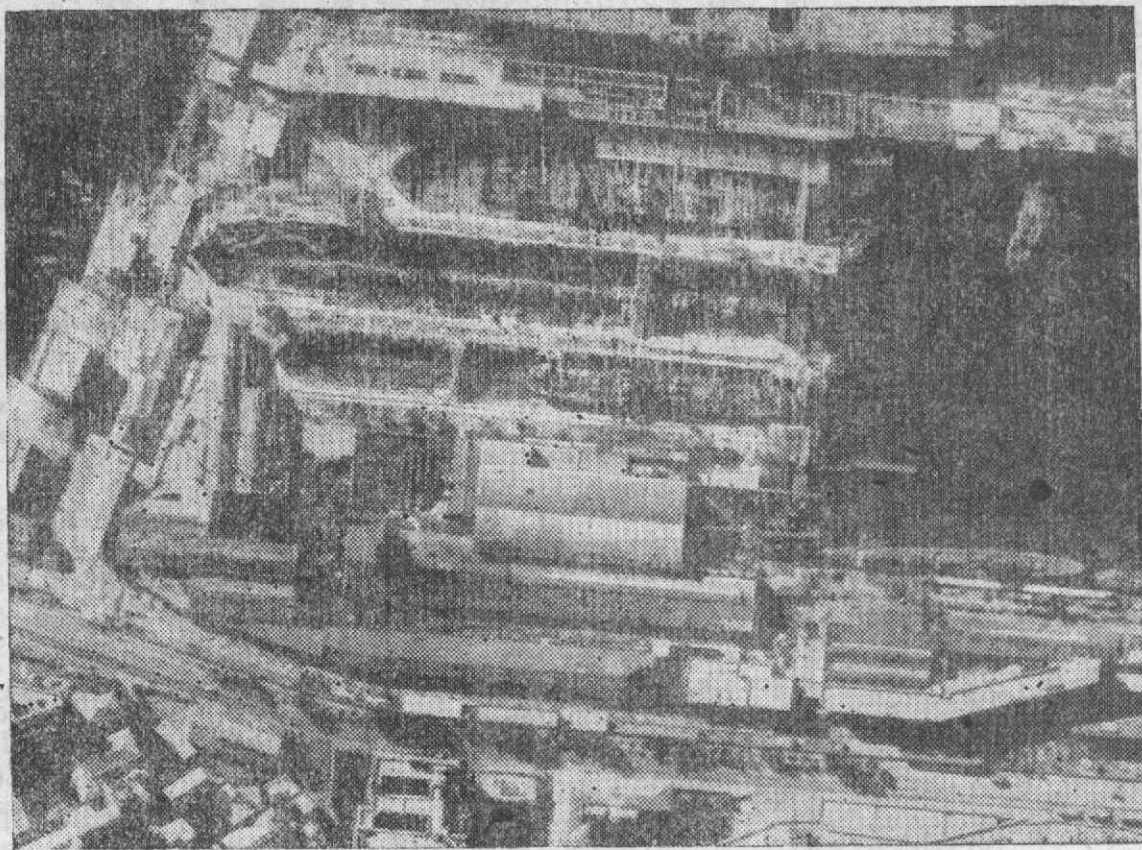
Os três barcos comportam 45 toneladas de peixe em cada viagem; têm uma tripulação de 22 homens, incluindo oficiais e mestres de redes e de pesca, e são equipados com motores de 390 cv.

Como mui oportunamente escreveu o *Diário da Manhã*, o lançamento à água dos três arrastões no período anormal que se atravessa, «só foi possível porque a indústria da pesca se organizou corporativamente. E renasce e existe, porque o Estado Novo existe» e alenta as actividades que se esforçam pelo bem da nação.

Prestes a afogar-se

Tendo caído à ria no Canal das Piramides o menor de 7 anos José Lourinho Ferreira, filho de Joaquim Lourinho de Jesus, teria perecido se não fôsse a abnegação de Adriano Gomes da Graça que, com risco da própria vida, se atirou à água, salvando-o.

O seu gesto é digno de louvor, pois consta-nos que outros companheiros do Adriano, que tem 14 anos e é filho de António da Graça, se mostraram menos arrojados.

A' MARGEM DA GUERRA

ESTRAGOS CAUSADOS PELOS BOMBARDEIROS DA R. F. A. NOS ESTALEIROS ANSALDO, NO PÔRTO DE GÉNOVA

Albergue de Mendicidade

APÊLO

Uma jóvem menina de 16 anos, orfã e paralítica, vai ser internada no Albergue.

¿Quem corresponde ao apêlo, oferecendo uma cadeira de rodas para a desventurada menina?

A Comissão

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Agradecimento

Domingas da Cruz agradece, reconhecida, a tôdas as pessoas que contribuiram para o funeral de seu marido Joaquim Exposto (Gavião) e bem assim às que o acompanharam à última morada.

Aveiro, 3 de Agosto de 1943.

Liceu de José Estêvão

Resultado de exames

6.º ANO — 2.º CICLO

António Barros Paula Santos, António da Silva Diogo, António Tomás M. Mendonça, Aristides Leite Ferreira, Branca Maria Rodrigues Simões, Domingos Américo Tavares, Ercília Laura Silva Martins, Esmeralda Catarino M. Nazaré, Fausto Briosa, Fernando Neves da Silva, Gastão Portugal C. Côrte Real, Gil Pires Martins, Helder Guerra V. P. Camêlo, Humberto Sequeira de Almeida, Jaime Sebastião Luz Madeira, Jorge Manuel Pratas Sousa, José da Cruz Neto, José Evaristo Valente Pinto, Lidia da Conceição P. Macêdo, Manuel Joaquim Pinto, Maria Ana Castro Lopes, Maria da Conceição Soares Neto, Maria Ernestina M. Pato, Maria Isabel Santos Nogueira, Maria de Lourdes Ferreira, Maria de Lourdes Seixas, Noémia Domigues Vital, Rui Hernani da Costa Pereira e Silvério Azevedo de Sousa, *aprovados;* Carlos Elmano Rocha, Fernando Nogueira Leite, Germana Brandão Pereira, João Fernandes Matias, Luciano Sérgio Lemos Reis e Maria Eulália B. M. Pereira, *distintos.*

7.º ANO — C. C. DE LETRAS

Alcides dos Santos Soares, José Luís Nunes de Oliveira, Maria Amália Vaz, Maria Cândida Rodrigues Santiago, Maria Celeste M. P. Tavares e Maria Manuela Seiça Neves, *aprovados;* Ana Augusta Pinto Queiroz e Isabel Maria Lima Campos, *distintas.*

7.º ANO DE CIÊNCIAS

Alberto Branco Lopes, Aldina Neves de Pinho, Alvaro José Félix Simões, António Bogão da Luz Garcia, Artur Baptista Beirão, Carlos Alberto Ramalheira, Carlos Augusto Cordeiro, Domingos Leite Ferreira, Edomeu Graciano Almeida, Fausto de Almeida Montinho, Firmino dos Inocentes Miranda, Gumerzindo Henriques da Silva, Jaime Manuel Sucena Reis, José Duarte Paula, José Luís Mano Dias, Manuel António Carapinheira, Manuel da Graça Pinheiro, Manuel de Oliveira Quinta, Maria da Conceição Oliveira, Maria da Encarnação Gonçalves e Maria Luísa Silva Miranda, *aprovados.* Carlos Alberto O. Lemos, José Ferreira Valente, Manuel dos Santos Serrão e Maria Esmeralda L. Rainho, *distintos.*

Correspondências

Costa do Valado, 5

Faleceu com 55 anos, no estado de solteira, Joana Marques de Carvalho, que vivia em companhia duma irmã, em S. Bento, casada com o sr. Francisco Cardeal.

Foi sepultada no sábado, tendo-a acompanhado ao cemitério da Oliveirinha grande número de pessoas das relações da família enlutada.

A esta, os nossos pêsames.

—A casa onde funciona a estação telégrafo-postal está velha e portanto não oferece condições nenhumas para se impôr a quem tem necessidade de a procurar.

Parece que isto mesmo já foi ponderado, falando-se na construção dum edifício em novo local, cuja ideia, a ir por diante, muito valorizaria a Costa. Mas isto primeiro que se faça qualquer coisa de utilidade pública custa mais que os partos difíceis. No entanto, vamos a ver, como dizia o cego. . .

—Devido à prolongada estiagem, que tanto mal tem causado, vão principiar mais cêdo, êste ano, as colheitas e as vindimas. Só as terras com água de rega produziram bem. O resto é uma calamidade, não obstante ter havido alguma batata.

—Partiu para a praia do Farol a família do sr. dr. Carlos Vidal, médico desta localidade.

C.

Esgueira, 4

A nossa terra encontra-se mergulhada nas trevas, devido à falta de luz.

Os assaltantes das capoeiras é que estão a lucrar. . .

—Devido à falta de limpeza, o nosso cemitério está transformado em matagal o que tem dado lugar a reparos.

Não está certo.

—Encontram-se entre nós os srs. dr. Julio Catarino Nunes e esposa e José Tavares da Silva e família, residentes na capital; e o aluno da Escola Náutica, Luís da Costa Ferreira, que em breve irá fazer a sua primeira viagem através os mares.

C.

«O Democrata»
ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.